

O Estado de S. Paulo

1/6/1984

Um dos resultados: Igreja dividiu-se

As pregações constantes da CPT ou do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, desenvolvidas nos bairros onde a crise social tornou mais difícil a sobrevivência dos trabalhadores, já tiveram vários efeitos. O principal deles: dividiu a Igreja Católica no Brasil em duas alas distintas que, embora se respeitem e até se cumprimentem nos encontros públicos e formais, na verdade se digladiam e se consideram inimigas.

Os exemplos confirmam essa realidade: no encontro de Cascavel, um "militante de base" do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Três Passos (RS), Darci Maschio, classificou de "o grande inimigo" do Movimento Sem Terra o bispo d. Cláudio Colling, arcebispo de Porto Alegre, que serviu de intermediário entre os invasores de Ronda Alta e o governo. Já no Pontal do Paranapanema, em São Paulo, o padre José Antônio, pároco em Teodoro Sampaio, acabou sendo transferido para Presidente Prudente por causa da sua atuação em apoio aos invasores de terras. Já na Diocese de Presidente Prudente, de linha conservadora, não existe CPT, e os "movimentos populares" não recaem o mesmo apoio dado pelo clero de outras regiões.

De qualquer forma, aos poucos os progressistas vão ocupando os espaços. Por força de suas pregações, muitas vezes bispos tidos como conservadores são levados a assumir posições em defesa das teses dos progressistas, acabando por apoiar invasões ou outros movimentos. Em Ivinhema (MS), poucos fiéis da Igreja tradicional entenderam o fato de o bispo d. Teodardo Letz, considerado conservador, ter apoiado o movimento de ocupação da gleba Santa Idalina, no mês passado.

Entre os diversos movimentos que motivaram o surgimento de comissões pastorais, o da terra é, na visão da ala progressista da Igreja, o que vem apresentando melhores resultados, em consequência principalmente da expansão que está alcançando rapidamente. Não importa que nos conflitos tenham morrido, somente em 1983, 116 trabalhadores em 15 Estados do País. Nem significa muito o fato de mulheres grávidas e crianças de colo estarem diretamente envolvidas nessas "ocupações", passando fome e sede, desde que isso sirva para pressionar as autoridades a ceder às aspirações pela terra. Mais que isso: não importa também que os resultados práticos nas terras conquistadas não sejam animadores e muitas vezes, como acontece em Promissão, levem a situações desastrosas para os "bóias-frias" que acabam colhendo apenas fracassos.

Vale tudo, porém, pois as organizações apoiadas pela Igreja progressista têm um perfeito esquema de divulgação e de conscientização dos trabalhadores. O objetivo final é a terra, não importa como.

Na CNBB, a ala progressista é maioria. O presidente do Incra, Paulo Yokota, recentemente acusou a CPT, presidida pelo bispo d. José Gomes, de ser a responsável pelo incitamento de posseiros que invadiram propriedades particulares. O secretário de Governo de São Paulo, Roberto Gusmão, informou há pouco tempo ao ministro do Trabalho, Murilo Macedo, a respeito do movimento de "bóias-frias" em Guariba, que "há elementos infiltrados", salientando que "você sabe quem são, Murilo. São as mesmas pessoas de sempre".

Gusmão não citou nomes ou entidades, mas o padre José Domingos Bragheto, coordenador estadual da CPT, admitiu posteriormente: "A Comissão Pastoral da Terra endossa, apóia e orienta a atuação dos sindicatos dos trabalhadores rurais". Ele é o mesmo padre que dois dias depois incitou os "bóias-frias" a prosseguir o protesto, sob o argumento de que "o patrão só conhece a linguagem da greve".

Existe um perfeito entrosamento entre a CPT, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra e os sindicatos dos trabalhadores rurais, a tal ponto que todos ficam sabendo, com muita antecedência, onde e quando haverá uma invasão. Isso é suficiente para que se organizem, arrecadando alimentos e preparando toda estrutura de divulgação considerada fundamental para pressionar as autoridades. A força do movimento é tal que ultrapassa os limites das paróquias e das dioceses. Na invasão de Castilho, ocorrida no dia 1º de outubro de 1983, quando 36 famílias de "bóias-frias" ocuparam terras da Fazenda Experimental do Estado, de nada adiantou o fato de o padre Miguel, vigário local, recusar-se a ceder a igreja para, em horários de missa, ser realizada a campanha de coleta de alimentos que precedeu a ocupação.

Na paróquia de Castilho não existe a Comissão Pastoral da Terra, mas a equipe de Andradina, liderada pelo ex-padre René Parrén encarregou-se de fazer as arrecadações em outras igrejas da região. Na invasão de Ivinhema, foram as CPTs das dioceses de Lins, Três Lagoas e Dourados que cuidaram da "conscientização" dos 1.300 invasores. Procedentes de 11 municípios e num movimento quase simultâneo, eles ocuparam a gleba Santa Idalina. Mas no caso o bispo, d. Teodardo Leitz condenou a participação de mulheres e crianças "nessa ousadia" e ainda completou: "Isso é uma irresponsabilidade".

Nesses trabalhos, a CPT e o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra jamais assumem a responsabilidade pela invasão. Ao contrário, preferem permanecer ocultos, aparecendo apenas como entidades que apóiam "movimentos espontâneos, nascidos da vontade popular". A preservação desse anonimato é feita pelos próprios invasores, previamente orientados a não revelar a participação dos organismos da Igreja. Por isso é comum que eles repitam o que diz "Cida", invasora da Fazenda Primavera que continua acampada às margens da rodovia Euclides Figueiredo: "A responsável é a fome, não tem endereço".

A participação da CPT, porém, acaba sendo decisiva: o ex-padre René Parren não escondeu o seu entusiasmo quando os invasores de Castilho foram transferidos para uma pequena gleba da Cesp em Promissão. Ele também pegou a enxada e enfrentou o sol forte, liderando os trabalhadores no desmatamento da área. Hoje, é um líder regional que influi em toda a Diocese de Lins e em outras dioceses. Foi chamado recentemente pelos arrendatários da fazenda de J. J. Abadalla, em Coroados e Glicério, pois querem resistir aos processos judiciais de desocupação das terras. De preferência, fazendo repetir o movimento que o mesmo agente pastoral conduziu com êxito e levou à desapropriação, pelo Incra, da Fazenda Primavera.

Esta reportagem será concluída amanhã, mostrando os resultados das invasões.

(Página 9)